



Gicele Rose Santos de Oliveira

EU CONTO OU VOCÊ CONTA?

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL

Maceió
2022

Caderno de Oficinas



EXPEDIENTE TÉCNICO

Instituto Federal de Alagoas- IFAL
Pró-Reitoria de Extensão, Pesquisa, Pós-graduação e Inovação
Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica

Produção: Gicele Rose Santos de Oliveira

Orientação: Prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos Lima

Projeto gráfico: Aurineide Profírio Barros Correia

Ilustrações: Cristiane Gomes da Silva Santos



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Avançado Benedito Bentes
Biblioteca

O48e

Oliveira, Gicele Rose dos Santos.

Eu conto ou você conta? A contação de histórias como contribuição para a formação integral / Gicele Rose dos Santos Oliveira. – 2022.

52 f. : il.

Produto Educacional da Dissertação Contribuições da contação de história para a formação integral: caminhos criativos e humanizados em aula de língua portuguesa (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, Maceió, 2022.

1. Educação. 2. Contação de história. 3. Formação humana. 4. Produto Educacional I. Título.

CDD: 370

Fernanda Isis Correia da Silva
Bibliotecária - CRB-4/1796

Sumário

Algumas palavras.....	4
Roteiro de "viagem": uso do caderno de oficinas.....	5
Para os momentos de contação de história	5
Oficina 1: Livre para pensar.....	6
A saga da folha de papel	7
Objetivos	10
Atividades.....	10
Avaliação: momento de reflexão	11
Vamos pôr em prática, professor(a)?.....	12
Deixa eu te contar!.....	13
Olha só!	14
Aviso importante.....	15
Referências	16
Oficina 2: O que eu posso mudar?.....	17
O homem sem sorte.....	18
Objetivos	23
Atividades.....	23
Avaliação: momento de reflexão	24
Vamos pôr em prática, professor(a)?.....	25
Deixa eu te contar!.....	26
Criação coletiva de história por meio de objetos.....	27
Referências	28
Oficina 3: Espelho, espelho seu.....	29
O homem e o espelho	30
Objetivos	34
Atividades.....	34
Avaliação: momento de reflexão	36
Vamos pôr em prática, professor(a)?.....	37
Deixa eu te contar!.....	38
Dinâmica do espelho	40
Referências	41
Oficina 4: Mais vale um pássaro na mão que dois na contramão	42
Mais vale um pássaro na mão que dois na contramão.....	43
Objetivos	46
Atividades.....	46
Avaliação: momento de reflexão	48
Vamos pôr em prática, professor(a)?.....	48
Deixa eu te contar!.....	49
Instruções para a produção de cartazes	50
Professor(a).....	51
Referências	52

Algumas palavras...

Este Caderno de Oficinas foi elaborado com o intuito de oferecer ao professor do Ensino Médio Integrado uma alternativa lúdica de contribuir, por meio da contação de histórias, para a promoção do diálogo em sala de aula e, conseqüentemente, a construção do conhecimento para a formação integral.

Ao valorizar a linguagem oral e os enredos que trazem à tona temas presentes no cotidiano dos jovens, as atividades propostas provocam construções coletivas de conhecimento, por meio de diálogos, questionamentos e reflexões, as quais valorizam a experiência de mundo e colocam o sujeito como centro de sua própria aprendizagem, ao mesmo tempo em que enfatizam sua importância como ser social, agente de transformações, seja de si mesmo ou do próximo, pois ele convive em uma sociedade.

Os momentos de contação de histórias aqui propostos são um convite às entrelinhas do imaginário, diferenciando-se da leitura silenciosa de um livro (tanto para o contador quanto para o espectador), pois construir um enredo na troca de olhares, nos gestos, nas modulações vocais, no improviso, na escuta, nas mudanças de planos do contador, a partir das reações do outro, conduzem a uma verdadeira excursão para um labirinto de possibilidades onde ninguém se perde, mas encontra caminhos para incontáveis versões de si mesmo.

Então, vamos viajar?

Gicele Rose Santos de Oliveira

ROTEIRO DE "VIAGENS": USO DO CADERNO DE OFICINAS

- Na seção "Vamos pôr em prática", disponibilizamos algumas dicas, destacadas nas cores verde e lilás, para facilitar o trabalho proposto neste caderno.
- Os quadros em verde referem-se a dicas gerais sobre contação de histórias, portanto, elas se repetirão em cada oficina, a fim de atender às necessidades de quem as utilizar isoladamente.
- Os quadros em lilás trazem dicas inerentes apenas à oficina em que se encontram.
- A seção "Deixa eu te contar" busca explicar possíveis dúvidas sobre etapas específicas dos quadros mencionados anteriormente.

PARA OS MOMENTOS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Cada contador insere na história sua interpretação, linguagem, seu estilo. Assim a enriquece com o próprio imaginário e o da plateia, a partir da interação e da improvisação. Desse modo, ele transforma história junto com seu público, recriando, omitindo, ou incluindo cenários, personagens, situações, mantendo apenas partes que caracterizam o texto no qual se inspirou...

O uso das técnicas como gestos, ritmo, entonação, expressão facial, silêncios ajuda a ativar os sentidos do interlocutor e despertar sensações diversas. Para melhor compreensão dessas informações e comparação entre a forma escrita e a oral, disponibilizamos os links abaixo, nos quais demonstra-se a contação da história "O homem sem sorte", texto base da segunda oficina, utilizado por diferentes profissionais:

<https://youtu.be/u6sr9Z6bCUs>

https://youtu.be/R0nD_OSPw9Y

OFICINA 1

TÍTULO: LIVRE PARA PENSAR

TEXTO BASE: A Saga
de uma folha de
papel

PÚBLICO:
Estudantes do
Ensino Médio
Integrado

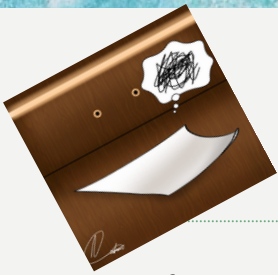
RECURSOS: Violão
(opcional) e
aparelho de som

TEMPO ESTIMADO:
90 minutos

**CAMPOS
TEMÁTICOS:**
• Autonomia
• Liberdade

A autonomia se insere dentro de uma posição de luta na qual o sujeito, ao assumir a sua presença no mundo, assume também a sua responsabilidade ética, histórica, política e social, distanciando-se de um mero objeto condicionado, para ser protagonista e sujeito da história e da sua presença nela, "presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História".

(FREIRE apud JÚNIOR, 2017, p. 20).



A saga da folha de papel

Ao fundo da gaveta de uma escrivaninha empoeirada e esquecida, havia uma folha de papel em branco, que vivia se questionando: "se eu vivo trancada, inerte, qual o papel da minha existência?" Num desses instantes de reflexão, um vento muito forte entrou pela fresta da gaveta e lá se foi a folha, janelada a fora, do sexto andar para o mundo, sem destino certo. Levada pelo vento, provou sensações nunca antes vividas; teve medo, euforia, surpresa, indignação. Sentiu uma profunda angústia por não ter visto antes tudo aquilo. Como era possível num mundo tão grande só haver espaço para ela numa gaveta limitada e confinante?

Ela decidiu que, a partir dali, iria aproveitar tudo o que pudesse e não perderia tempo lamentando o passado. Mas tinha um porém: sua locomoção estava condicionada, literalmente, às reviravoltas do vento; só poderia ir para onde ele soprasse. E ele soprou tão forte que a levou para o alto da torre do relógio de onde podia avistar a cidade grande, o vai e vem dos automóveis, e, lá ao longe, a imensidão do mar. Queria ser um navio e viajar pelos continentes em busca de aventuras e de respostas sobre sua existência. "Um mundo tão grande..." – não parava de pensar

nisso. De repente, um pássaro rápido e certeiro cravou-lhe o bico e a levou para longe, até perder o controle do voo e cair no meio de uma floresta. Amortecido por folhas secas, o animalzinho sentiu-se aliviado, mas a viajante do acaso desesperou-se. O que seria de seus planos presa ali, cercada pela mata fechada?

O vento que chegava era uma brisa suave que não a levaria a lugar nenhum.

Mal concluiu o pensamento, um travesso macaquinho tomou-lhe nas mãos e começou a amassá-la. De posse da bolinha de papel, correu sem parar até encontrar outros companheiros da mesma espécie e iniciar um divertido esporte, pulando entre galhos e arremessando uns para os outros o novo brinquedo. Assim, nessa ciranda interminável, horas se passaram, e a folha, tonta de ver o mundo girar em verde, azul, branco e marrom, já não sabia mais o que era céu, o que eram árvores ou macacos. Tudo era uma tela borrada em movimento. Mas ela estava feliz porque tinha mais uma vez a chance de sair do lugar. No meio daquela floresta, passava um lindo e cristalino rio onde os animais matavam a sede e se banhavam. A folha viajante jamais tinha avistado aquele líquido cristalino tão de perto. O som e o movimento da correnteza representavam toda aquela ideia da nova vida que ela sonhava ter:

vasta, serena e livre. Como se seus pensamentos ganhassem poderes concreto, logo os astutos primatas inventaram uma nova diversão.

Advinha qual foi o cenário escolhido? Pousaram a folha na beira do rio e correram para ele saltitando.

Aos gritos, jogavam água para cima e uns nos outros até seus pelos encharcaram e os dedos compridos mudarem de cor. De longe, a folha observava e torcia por uma rajada de vento que a fizesse chegar mais perto do rio e seguir viagem. Acima do rio, um grande telhado de galhos e folhas permeados por raios de sol formava um corredor que se perdia de vista na imensidão de seu curso.

A algazarra dos macaquinhos era o barulho mais alto que se ouvia por ali, mas foi possível notar, ao fundo, o som de um misterioso chocalho em meio ao movimento das folhas secas. Ali estava, rastejando pelo chão, uma imensa cascavel seguindo em direção ao rio. Tão grande e desajeitada arrastava tudo em seu caminho. Assim o fez com a solitária bolinha de papel, que rolou margem abaixo e alcançou o leito. Lá se foi ela para mais uma viagem ao acaso. Desta vez não era a paisagem o que mais lhe impressionava, eram as sensações. Logo que tocou a água sentiu um arrepio percorrer cada extremidade até o centro e percebeu que havia recuperado o velho formato e mudado de cor. A velocidade da correnteza causava uma brisa fria e nostálgica

que trouxe recordações dos tempos em que habitava a velha escrivania.

Quanto tempo teria passado ali? Que fim levou aquele que a deixou por lá? Era um escritor de contos que perdera a inspiração desde que sua amada partiu: uma velha elegante, imponente, do tipo que nem se fabrica mais. Ele não se cansava de olhá-la, de tocá-la de ouvir o som de cada palavra que saía dela. Viravam noites juntos, partilhavam ideias, sonhos, aventuras... E como se entendiam bem! Achava que viveriam para sempre unidos até que um dia a levaram embora. Foi trocada por um computador. Os filhos dele achavam que era hora de modernizar, as editoras agora recebiam as obras por e-mail e a velha relação homem-máquina de escrever chegou ao fim.

A folha de papel que ficara esquecida não sabia que seria a próxima a testemunhar aquela história de amor, antes da triste fatalidade. Mas, águas passadas não voltam, e aquela história já era página virada.

A viajante do acaso estava decidida a enfrentar paus e pedras para viver seus sonhos. E enfrentou. Depois de muito viajar, passando do frio ao calor intenso de um descampado de puro sol escaldante, percebeu que a correnteza se tornara mais intensa e as águas mais barrentas e cheias de obstáculos.

Aproximou-se de uma queda d'água repleta de rochas e velhos troncos de árvores enroscados entre si. Revirou-se, esbarrou incontáveis vezes nas pedras, como se dentro de um liquidifi-

cador, e caiu cachoeira abaixo sem saber o que esperar. Foi a primeira vez que sentiu saudades da velha escrivainha. Ao menos estava segura por lá e tinha a garantia de viver mais alguns anos.

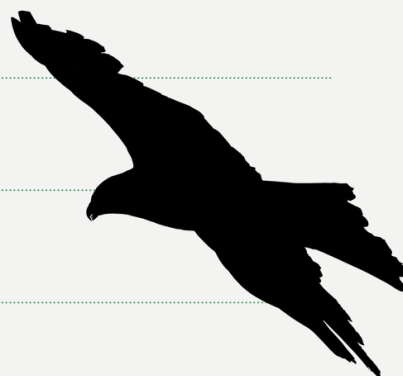
Tão frágil e pequena, não aguentaria os perigos daquela viagem. De fato, não aguentou. No meio da queda, percebeu um pequeno rasgo lateral, depois outro e mais

outro até esfarelar-se por completo e cair direto no mar. Já não concatenava as ideias. Tudo era um imenso e silencioso vazio. Pedaco por pedaco foram sendo levados pelas ondas até a praia, onde pareciam se encontrar novamente. O vento agora não soava amigável. À medida que o sol aquecia a areia, os destroços da folha de papel ganhavam a leveza de uma pluma e começavam a girar ameaçando separar-se e partir para lugar nenhum. Uma espécie de redemoinho elevou cada partícula de papel e poeira do chão até quase se perderem de vista no céu.

Quando menos se esperou, um lindo pássaro se formou e voou horizonte afora em busca de novas aventuras. Renascera, assim, a folha de papel, junto com seus pensamentos, compondo a paisagem mais bela, com aquelas asas brancas atravessando o céu azul. Agora poderia ser o que quisesse, viajar para onde a vista alcançasse e conectar-se aos sonhos do escritor que também se libertava da gaveta, no reencontro com a velha máquina de escrever. A ave-folha não

sabia, mas fora ele, juntamente com sua amada, quem lhe dera liberdade nas páginas de uma história repleta de sonhos, nascida verdadeiramente para voar.

Oliveira (2020)



Objetivos



Estimular o pensamento crítico, a escuta e o compartilhamento de ideias;



Favorecer a interação com a história e com o outro;



Contribuir para promoção de sujeitos mais autônomos, dotados de liberdade de expressão, de pensamento e de ação;



Expandir o universo imaginário do leitor.

Atividades



Exposição oral, sintetizando os objetivos da oficina;



Contação da história;



Roda de conversa.

AVALIAÇÃO: Momento de reflexão

1

Qual ou quais foram seus sentimentos e impressões a respeito da história contada?

2

Ter mais espaço de diálogo na sala de aula é uma maneira de estimular sua autonomia, e como consequência, sua aprendizagem?

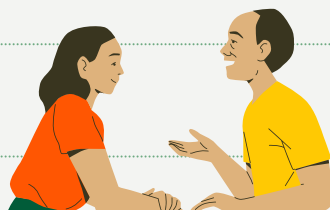
3

Em algum momento, no contexto escolar, você se sente trancado(a) numa gaveta, como a folha?

4

Também há momentos nos quais você se sente livre?

Vamos pôr em prática, professor(a)?



1 Apresente-se e exponha os objetivos da oficina. Quando a turma não se conhecer, permita que se apresente também.



2 Faça uma breve explanação sobre o que é e em que consiste a contação de histórias.



3 Deixe a história acessível apenas oralmente.



4 Estude a história com antecedência, para memorizar ou contar à sua maneira. Em último caso, faça uma boa leitura interpretativa.



5 Crie um clima amistoso e de encantamento, introduzindo a história com uma música, mesmo que seja só instrumental.



6 Ao término da história, retome um pequeno trecho ou o refrão da música apresentada no início, quando houver.



7 Abra a roda de conversa perguntando o que acharam da história: sobre o que trata, que sensações ou reflexões suscita... Dê sequência a ela com as perguntas sugeridas no quadro referente à avaliação ou elabore outras de acordo com as respostas que surgirem.



8 Ao término da roda de conversa, apresente os conceitos de autonomia e liberdade, refletidas no diálogo e na participação do jovem na escola e na sociedade.



**DEIXA EU
TE CONTA!**

■ A maioria das pessoas costuma sentir falta do texto impresso para acompanhar a leitura e pode cobrar o mesmo do oficinairo. O problema é que esse tipo de texto não se adequa ao momento da contação de histórias por afetar a troca de olhares e a visualização dos gestos que estão entre os principais instrumentos dessa arte. Em contação de histórias, o texto escrito se mostra dispensável para os espectadores, não acarretando dificuldade de aprendizado dos sujeitos envolvidos.

■ Ao contar a história, o contador apropria-se dela e ganha liberdade para incluir ou suprimir algumas partes; desenvolve melhor a imaginação, gesticula, interage com o olhar... quando ela é lida esses recursos tornam-se mais limitados.

■ Contadores mais tradicionais costumam usar as velhas cantigas da tradição oral. Nessas oficinas, a sugestão é de músicas mais contemporâneas, embora você, como contador, tenha toda liberdade de escolha. Seja qual for o repertório musical, se tiver desenvoltura com o canto ou algum instrumento, o resultado será ainda melhor. Quem sabe a turma até cante junto?

■ É pertinente que as perguntas do mediador sejam flexíveis a ponto de permitir que os participantes manifestem seus próprios interesses temáticos conforme sugestões detalhadas no quadro. Os subtemas sugeridos/discutidos pelos participantes culminarão nos temas da oficina.



A história "A saga da folha de papel", proposta para esta oficina, traz uma série de possibilidades de reflexão sobre diversos temas, pois é permeada por metáforas e desenvolvida com a finalidade de promover o diálogo e a liberdade de reflexão. Também procura estimular o imaginário do espectador/ouvinte e do contador, bem como o acesso a seus conhecimentos de mundo por meio de descrições que ilustram cenários, expectativas e sensações.



As oficinas foram elaboradas para serem aplicadas de forma presencial. Havendo a impossibilidade, poderá ser feita de forma on-line, com as devidas adaptações.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. Educação e mudança. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

JÚNIOR, J. A educação para autonomia em Immanuel Kant e Paulo Freire. Curitiba, 2017.

OLIVEIRA, G. R. S. A saga da folha de papel. Arapiraca, 2021.

OFICINA 2

TÍTULO: O QUE EU POSSO MUDAR?

TEXTO BASE: O homem sem sorte

PÚBLICO:
Estudantes do Ensino Médio Integrado

RECURSOS: caixa de madeira ou papelão, objetos diversos, aparelho de som ou instrumento musical

TEMPO ESTIMADO:
90 minutos

CAMPOS TEMÁTICOS:
● Altruísmo
● Empatia

A palavra "altruísmo" foi criada por Auguste Comte, filósofo francês que, em 1830, a caracterizou como o grupo de disposições humanas, sejam elas individuais ou coletivas, que inclinam os seres humanos a se dedicarem aos outros. Portanto, altruísmo não é sinônimo de solidariedade, como muitos pensam, é um conceito muito mais amplo. É um conceito que se opõe ao egoísmo (inclinação específica e exclusivamente individual).

Na definição cotidiana, o altruísmo, enquanto virtude, é a atitude de viver para os outros. Para que uma pessoa seja altruísta, precisa dominar os instintos egoístas, que existem naturalmente em todo o ser humano, e fazer emergir as inclinações benévolas, que também estão sempre presentes.

Um homem altruísta age de modo a conciliar sua satisfação pessoal com o bem-estar e a satisfação de seus semelhantes, de sua família e de sua comunidade. Instintos naturais de benevolência, de forma isolada, não constituem o altruísmo. Irão constituir apenas se a pessoa conseguir dar caráter de habitualidade. É preciso fazer do altruísmo um estado habitual que diminua e substitua continuamente os instintos egoístas, tornando-os menos ativos e mais controláveis.

Fonte: <https://www.infoescola.com/psicologia/altruismo/>

O homem sem sorte

Era uma vez um homem que se achava completamente sem sorte. Nada do que ele fazia dava certo. Parece que tudo o que fazia dava errado.

Muitas vezes ele plantava sementes e o vento vinha e as levava.

Outras vezes, era a chuva, que vinha tão violenta que carregava as mudas que brotavam.

Outras vezes, as sementes permaneciam sob a terra, mas o sol era tão quente que as cozinhava.

Muitas coisas ruins aconteciam sem que ele soubesse o porquê.

E ele se queixava com as pessoas e elas escutavam suas queixas – da primeira vez com simpatia, depois com certo desconforto e, por fim, quando o viam, mudavam de caminho ou entravam para dentro de suas casas, fechando portas e janelas, para o evitar.

Então, além de sem sorte, o homem se tornou tristonho, chato e muito só. Ele começou a querer achar um culpado para o que acontecia com ele, mas não encontrou. Em sua família, percebeu que seu pai era um homem de sorte; sua mãe, também, pois tinha se casado com seu pai, seus irmãos estavam bem... Olhou ao redor e viu que muitos de seus vizinhos também viviam bem, satis-



Fonte:

<https://eixodoleitorcrateus.blogspot.com/2015/03/o-homem-sem-sorte.html>

feitos com a vida que tinham. E depois de muito pensar resolveu tomar uma atitude:

– Já sei! Vou falar com o Criador de todas as coisas que vivem e respiram. É claro! Se Ele me fez assim, sem sorte, deve ter uma resposta. Ele pode mudar a minha vida e me tornar um homem de sorte!

Arrumou sua malinha, colocou ali as coisas que achava importante levar consigo, algum alimento e partiu rumo ao fim do mundo.

Andou um dia, um mês, um ano e um dia, até chegar numa grande floresta, com árvores muito grandes e galhos que quase atingiam o céu.

– Ah – disse para si mesmo – esse deve ser o lugar onde vive Deus. Entrou calmamente na floresta, olhando para a direita e para a esquerda, para ver se encontrava o Criador. De repente, ouviu uma voz:

– Moço, me ajude...

Ele deu um passo para trás, insatisfação e disse que estava muito assustando-se ao ouvir aquele grito. Olhou para um lado e para outro, procurando alguém e viu que à sua frente, atrás de um mato, havia um lobo. Ele se deparou com um lobo diferente, magro, amarelado, quase sem pelos; era pele e osso o infeliz. Dava para contar suas costelas. O lobo falou:

– Estou tão doente... Há três meses estou assim. Não sei o que está acontecendo comigo. Não tenho forças para me levantar daqui. Por favor, me ajude, preciso de ajuda.

Refeito do susto, o homem olhou para o lobo e disse:

– Você precisa de ajuda? Eu é que preciso de ajuda. Você está se queixando à toa, Você tem estado doente por alguns meses, mas eu tive azar a vida inteira. O que são três meses? Você me vê reclamando e pedindo ajuda para outras pessoas? Claro que não! Faça como eu. Procure uma resposta. Eu estou indo procurar o Criador de todas as coisas que vivem e respiram, para resolver o meu problema.

– Ah! Isso é muito corajoso! Mas eu estou tão doente que não posso caminhar, não tenho forças nem para ir ao rio beber água. Faça este favor para mim. Você está indo vê-lo, pergunte o que está acontecendo comigo e o que posso fazer para melhorar.

O homem fez um sinal de

Andou um dia, um mês, um ano e um dia e de repente, ao tropeçar numa raiz, ouviu:

– Ahhhh! Moço, cuidado.

– O que é isso agora?

E quando olhou, viu uma folhinha que vinha caindo, caindo... Olhando para cima viu que era uma árvore que estava toda quebrada, caída, com as raízes desenterradas, os galhos retorcidos, muito feia,

descascada, folhas ressecadas, horrível. O homem falou:

– Você não tem vergonha? Olhe as outras árvores à sua volta e diga se você pode ser chamada de árvore? Conserte sua postura.

A árvore, com uma voz de muita dor, disse:

– Não sei o que está acontecendo comigo. Estou me sentindo tão doente. Há seis meses que minhas folhas estão caindo, e agora, como vê, só restam duas... Por favor, me ajude.

– Por que eu deveria te ajudar? O que você fez por mim? Nada! Ao invés de ficar aí se queixando, faça alguma coisa, como eu, que estou indo me encontrar com o Criador.

– Mas eu não posso me mover, eu sou apenas uma árvore. Por favor, peça ao Criador para me ajudar.

Contrariado, o homem virou as costas com mais esta incumbência e saiu dizendo:

– Vou pensar sobre isso. E foi-se embora, andando cada vez mais depressa.

Andou um dia, um mês, um ano e um dia e chegou a um vale muito florido, com flores de todas as cores e perfumes, árvores frutíferas, um riacho límpido. No final deste campo havia uma linda casinha.

– Ah! Aquela deve ser a casa do Criador.

Correu até lá, sem reparar nas flores que ia pisando pelo caminho.

Na frente da casa estava uma moça muito bonita sentada na varanda. Ela lhe deu boas vindas e lhe ofereceu chá, bolo, biscoitos e tudo o que de melhor ela tinha na casa. Ela foi tão boa que ele ficou ali, conversando na varanda. Conversaram por um longo tempo. Pela primeira vez na vida, teve a oportunidade de contar todos os seus problemas a alguém. Quando o homem deu por si, já era madrugada.

Ele se levantou dizendo que não podia perder tempo e, quando já ia saindo, ela pediu:

– Olha, eu tenho uma vida boa aqui, mas às vezes, me sinto um pouco sozinha, um vazio no peito, que não tem motivo, nem explicação. Talvez você possa perguntar ao Criador se Ele tem algum conselho para mandar para mim. Gostaria de saber o que é e o que posso fazer.

O homem disse que ia tentar se

lembrar disso, virou as costas e se foi. Andou um dia, um mês, um ano e um dia e chegou por fim ao fim do mundo. Lá não havia nada, somente um espaço vazio.

Até as cores da paisagem tinham desaparecido. Neste momento, o homem se sentiu inseguro de si mesmo, pois se deu conta de que não sabia como falar com Deus. Sentou-se para pensar e estava tão mergulhado em seus pensamentos, que não reparou que uma nuvem estava se formando à sua frente. De dentro dessa nuvem saía uma luz. E dessa luz saiu uma voz suave, que disse:

– Bem vindo!

Era uma voz no fim do mundo, só podia ser a voz do Criador de todas as coisas que vivem e respiram, mas como ele já tinha encontrado tantas criaturas pelo caminho, resolveu perguntar:

– Você é o Criador?

– Tenho muitos nomes. Chamam-me também de Criador... Mas estou certo de que não foi por isso que você veio me ver.

O homem começou a sentir que seu coração se abria e percebeu que podia dizer e sentir o que quisesse que aquela voz o ajudaria. Então contou toda a sua triste vida, com todos os detalhes, falou das sementes, dos pais, dos irmãos, dos vizinhos... e de sua falta de sorte. Ficou por muito tempo falando, ouviu tudo que a voz tinha a lhe dizer, até que percebeu que a nuvem estava indo embora e as cores começavam a voltar à paisagem.

Então se levantou e virando as costas foi saindo, quando a voz lhe perguntou:

– Você não está se esquecendo de nada? Não ficou de saber respostas para uma árvore, para um lobo e para uma jovem?

– Ah, é. Tem razão...

E voltou-se para ouvir o que faltava. Depois de um tempinho virou-se e correu... mais rápido que o vento até que chegou na casa da jovem.

Ela estava na varanda e, ao ver o homem passar, chamou:

– Ei!!! Você que vai aí correndo, deve estar com fome. Acabei de preparar o almoço.

O homem sentiu um cheiro de comida muito gostosa, bem fresquinha, e acabou entrando. Viu a mesa posta com tantas comidas deliciosas. Tinha tudo quanto era comida gostosa que você possa pensar. O homem comeu bastante.

E a moça perguntou:

– Você conseguiu encontrar o Criador? Teve as respostas que queria?

– Sim!!! Claro! O Criador disse que minha sorte está no mundo, que está bem à minha frente e que eu deveria ir ao seu encontro. Disse que o mundo me oferece infinitas possibilidades, basta eu prestar atenção... e ficar atento para perceber a hora de apanhá-la! É isso que vou fazer: encontrar a minha sorte.

– E quanto a mim, você teve a

chance de fazer a minha pergunta? – a moça perguntou.

– Ah! O Criador disse que o que você sente é solidão. Assim que encontrar uma companhia, vai ser completamente feliz, e mais feliz ainda vai ser o seu companheiro.

A jovem então abriu um sorriso. Estava um pouco envergonhada, mas tomou coragem e perguntou:

– Você não gostaria de ficar aqui comigo?

– Claro que não... Já trouxe a sua resposta. Eu estou procurando minha sorte. Não posso perder tempo, não posso ficar aqui comendo e bebendo e conversando com você. Não foi para isso que fiz toda esta jornada. Você deve procurar outra pessoa. Tchaaaau!!! E virando as costas correu, mais rápido do que a água, olhando para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo, a procurar sua sorte, até chegar à floresta onde estava a árvore. Ele nem se lembrava dela, tropeçou de novo em sua raiz e viu cair uma última folhinha.

– Ah, você está aí, encontrou o Criador? Tem alguma resposta para mim?

– Encontrei sim, mas não tenho tempo para falar com você agora. Tenho muita pressa, pois estou indo em busca da minha sorte, pois há muitas oportunidades no mundo para mim, basta eu estar atento.

– E para a minha doença, ele disse alguma coisa?

– Ah, sim. O Criador disse que você

possui alguma coisa presa nas suas raízes. Bem embaixo de suas raízes tem uma caixa de ferro cheia de moedas de ouro. O ferro desta caixa está envenenando suas raízes e fazendo você ficar doente. Se você cavar e tirar este tesouro daí vai terminar todo o seu sofrimento e você vai poder voltar a ser uma árvore saudável novamente.

– Por favor! Faça isto por mim! Eu sou uma árvore, não posso cavar. Você pode ficar com o tesouro. Ele não serve para mim. Eu só quero de novo minha força e energia.

O homem deu um pulo e falou indignado:

– Você está me achando com cara de quê? Já trouxe a resposta, agora resolva o seu problema. O Criador falou que minha sorte está nas oportunidades do mundo e eu não posso perder tempo aqui conversando, muito menos sujando minhas mãos na terra. Trate de encontrar outro para fazer isso. E virando as costas correu, mais rápido do que a luz, atravessou a floresta, sempre olhando em todas as direções, procurando a sua sorte. Corria tão rápido que nem percebeu que ia tropeçando no lobo, mais magro ainda e mais fraco.

– Ei, moço, venha cá... Espero que você tenha falado com Deus, pois eu sinto que não tenho mais tempo de vida. O Criador falou alguma coisa sobre mim? O homem se dirigiu a ele com pressa e disse:

– Falou, falou sim. O Criador de todas as coisas que vivem e respiram mandou lhe dizer que o seu problema é fome, você está morrendo de inanição. Ele disse que você deve esperar aqui até que a criatura mais boba e distraída cruze o seu caminho; então você a come e mata a sua fome. Como não tem forças mais para sair e caçar, eu acho que vai morrer aí mesmo, por que só quando passar por aqui uma criatura muito burra e bastante estúpida... E nesse momento, os olhos do lobo se encheram de um brilho estranho, a boca do lobo foi se enchendo d'água, e reunindo todo o restante das forças que tinha, o lobo deu um salto e comeu, de uma vez só, o homem sem sorte.

O Homem Sem Sorte – conto popular recontado por Inno Sorzy Ed. Caravana de Sonhos, 1998.

Fonte: <http://terraderuda.org.br/2014/blog/o-homem-sem-sorte/>



Objetivos



Refletir sobre a importância do altruísmo na formação integral;



Desenvolver a autocrítica, a fim de superar comportamentos e atitudes egoístas.

Atividades



Contação da história;



Dinâmica: Criação/contação coletiva oral de reconto com auxílio de objetos;

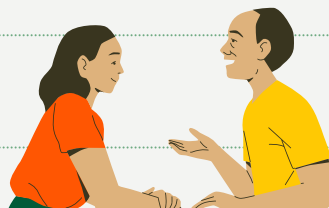


Roda de conversa.

AVALIAÇÃO: Momento de reflexão

- 1** O altruísmo pode contribuir para a sua formação integral? De que modo?
- 2** É necessário ser altruísta para ser um bom profissional? Por quê?
- 3** É preciso sorte para obter êxito profissional?
- 4** Na história contada, o protagonista sofreu sérias consequências por desatenção. E no contexto educacional, o que seria mais prejudicial: o aluno deixar de prestar atenção no professor, ou vice-versa? E no contexto profissional?
- 5** Qual a principal mensagem da história para você?

Vamos pôr em prática, professor(a)?



1 Apresente-se e exponha os objetivos da oficina e os conceitos de altruísmo e empatia. Quando a turma não se conhecer, permita que se apresente também.



2 Faça uma breve explanação sobre o que é e em que consiste a contação de histórias.



3 Deixe a história acessível apenas oralmente.



4 Estude a história com antecedência, para memorizar ou contar à sua maneira. Em último caso, faça uma boa leitura interpretativa.



5 Crie um clima amistoso e de encantamento, introduzindo a história com uma música, mesmo que seja só instrumental.



6 Ao término da história, retome um pequeno trecho ou o refrão da música apresentada no início, quando houver.



7 Apresente aos participantes a dinâmica da caixa de objetos, conforme as instruções na página seguinte.



8 Inicie a roda de conversa perguntando o que acharam da história e da dinâmica: que sensações ou reflexões suscitam... Dê sequência com as perguntas sugeridas no quadro referente à avaliação ou elabore outras de acordo com as respostas que surgirem ou com as especificidades do grupo.



**DEIXA EU
TE CONTAR!**

■ A maioria das pessoas costuma sentir falta do texto impresso para acompanhar a leitura e pode cobrar o mesmo do oficinairo. O problema é que esse tipo de texto não se adequa ao momento da contação de histórias por afetar a troca de olhares e a visualização dos gestos que estão entre os principais instrumentos dessa arte. Em contação de histórias, o texto escrito se mostra dispensável para os espectadores, não acarretando dificuldade de aprendizado dos sujeitos envolvidos.

■ Ao contar a história, o contador apropria-se dela e ganha liberdade para incluir ou suprimir algumas partes, desenvolve melhor a imaginação, gesticula, interage com o olhar... quando ela é lida esses recursos tornam-se mais limitados.

■ Contadores mais tradicionais costumam usar as velhas cantigas da tradição oral. Nessas oficinas, a sugestão é de músicas mais contemporâneas, embora você, como contador, tenha toda liberdade de escolha. Seja qual for o repertório musical, se tiver desenvoltura com o canto ou algum instrumento o resultado será ainda melhor. Quem sabe a turma até cante junto?

■ É pertinente que as perguntas do mediador sejam flexíveis a ponto de permitir que os participantes manifestem seus próprios interesses temáticos conforme sugestões detalhadas no quadro. Os subtemas sugeridos/discutidos pelos participantes culminarão nos temas da oficina.

Criação coletiva de história por meio de objetos



<https://www.fotografia-dg.com/coletivo-fotografico-direito-autor/>

Os participantes serão convidados a depositar objetos secretamente em um baú ou caixa que será tampado(a). Iniciada a atividade, o primeiro participante retirará, sem escolher, um objeto da caixa e iniciará uma história relacionada a esse objeto. Quando o(a)icineiro(a) sinalizar, um novo voluntário retira outro objeto e dá sequência à história. O último a participar escolhe como ela termina. Ao final, o grupo pode debater sobre as sensações de criar, contar e permitir que o outro se “apodere” de sua história. O(A) icineiro(a), caso julgue oportuno, pode participar também da brincadeira, mas é interessante que não seja ele/ela quem conte o final.

Uma atividade interessante após essa história é pedir que recontem toda a história por escrito. É uma ótima maneira de refletir e debater sobre como a mesma história ganha diferentes versões na narrativa oral, como cada um tem seu jeito próprio de ver, criar, compreender e recontar e como se difere a linguagem empregada na oralidade e na escrita. Também é possível refletir nessa dinâmica sobre como resgatamos memórias e experiências vividas para enriquecer o imaginário no processo de criação.

REFERÊNCIAS

O Homem Sem Sorte – conto popular recontado por Inno Sorzy
Ed. Caravana de Sonhos, 1998.

VESCE, Gabriela. Altruísmo. Disponível em:
< <https://www.infoescola.com/psicologia/altruismo/> > Acesso:
01/11/2021.

OFICINA 3

TÍTULO: ESPELHO, ESPELHO SEU

TEXTO BASE: O homem e o espelho

PÚBLICO:
Estudantes do Ensino Médio Integrado

RECURSOS: caixa de madeira, espelho, material fotocopiado, violão (opcional) e aparelho de som

TEMPO ESTIMADO:
90 minutos.

CAMPOS TEMÁTICOS:
● Empoderamento
● Autoaceitação

O que é empoderamento?

O conceito de empoderamento (empowerment) surgiu nos Estados Unidos, na década de 70, a fim de debater questões civis referentes à raça. Posteriormente foi acolhido pelo público feminino e no Brasil adquiriu popularidade a partir da segunda década dos anos 2000, por meio das redes sociais.

De forma sucinta, o empoderamento promove a consciência de poder. Conscientizado, o sujeito percebe-se mais autônomo, detentor de suas próprias opiniões e decisões e por isso apto para transformar relações políticas, sociais e culturais. Nesse sentido, o empoderamento combate preconceitos e outras formas de injustiças ao dar voz a grupos historicamente marginalizados a exemplo de negros, indígenas, mulheres e comunidade LGBTQ+.

Fonte: <https://ead.ucs.br/blog/empoderamento>



O homem e o espelho

achar que a maioria das pessoas pensava como ele. Na feira, vez ou outra, trazia para casa uma fruta estragada ou um troco errado, porque confiava na escolha e na contagem do vendedor.

Era uma vez um homem honesto. Tão honesto que causava estranhamento. Ninguém compreendia que aquilo o fazia bem. Que para ele era natural ser assim. Não havia meia verdade, jeitinho brasileiro, empurrar com a barriga... Então, por onde andava, olhavam-no atravessado, questionando o que ele queria em troca daquilo, a quem desejava enganar, ou até quando duraria o teatrinho. Falavam pelas costas, é claro, e João nem percebia. Mas sua honestidade era um comportamento nato. Era assim desde pequenininho, quando ainda usava fraldas. Tudo para ele era como dois mais dois são quatro e levava a sério cada promessa que ouvia, mesmo que fosse de político, vendedor, menos pescador e contador de histórias, porque sabia que para esses inventar era um ofício, uma arte... e arte não fazia mal a ninguém. Não condenava os outros que agiam diferente, mas era sempre pego de surpresa ao ser enganado. Por não compreender o que os outros viam de vantajoso em enganar, chegava a ser ingênuo ao

No trabalho, colegas o criticavam, nos corredores, por ser certinho demais, não dar aquela escapulida mais cedo nem deixar serviço pra depois. Na escola, era um excelente aluno, não colava de ninguém e era rechaçado por não dar cola. Apesar dessas e outras injustiças que sofria, estava bem consigo mesmo; agia de acordo com suas convicções e tinha plena consciência de que não havia motivo para sofrer julgamentos como esses. Então, apenas seguia sua vida pacata e mal notava a insatisfação dos outros.

João tinha uma consciência tão leve que seu travesseiro parecia feito de nuvem. Recostava a cabeça e era como se flutuasse numa noite de sono tranquila. Dormia a noite inteira, nunca tinha pesadelos e dor de cabeça, só conhecia de ouvir falar. Era filho único, tinha uma família amorosa - com as complicações que toda família tem -, saúde de ferro, um coração de ouro, uma namorada apaixonada e pais que transbordavam de orgulho de quem ele havia se

tornado. Era feliz até perceber um dia que não tinha muitos amigos e se questionar se o seu modo de agir era realmente o correto, já que não agradava à maioria das pessoas.

Um dia, levantou da cama sonolento como nunca, mal havia pregado o olho. Tomou café da manhã sem muito apetite e correu para o banheiro para escovar os dentes. Também como nunca, estava atrasado para o trabalho. Diante do espelho, ergueu a cabeça e ficou perplexo com o que viu. Não era sua imagem refletida ali, era um homem totalmente desconhecido que lhe encarava com olhar malicioso.

João parou por um longo instante, limpou os olhos, lavou o rosto repetidas vezes, olhou outra vez. Agora tinha certeza: não era ele. Estranho porque não bebia, não fumava, não havia tomado qualquer remédio ou nada que pudesse lhe causar alucinações. Olhou fixamente naqueles olhos e perguntou: "Reflexo do espelho, por que não me vejo?" O espelho prontamente respondeu: "Ora, responda a si mesmo! Não me vejo porque não desejo". O homem ficou confuso. Não era de mentiras. Queria se ver. Recuperar a própria imagem, que era a única que tinha. Não repetiria aquela inverdade. Mas o espelho insistiu: "Não me vejo porque não desejo. Qual a dificuldade em repetir isso? Você percebeu o quanto mudou nos últimos tempos?" "Ah,

sim! Perdi o apetite, não durmo bem, não me concentro no trabalho e ando estranhamente cansado"- respondeu o homem. "Resposta errada. Isso é apenas consequência da sua busca. O que procura exatamente?"- retrucou o espelho. "Antes você seguia suas próprias convicções sobre o certo e o errado, mas passou a se importar muito mais com o que agradava aos outros e com o que fariam no seu lugar. Com tudo isso você deixou de aceitar a si mesmo e desejou ser outra pessoa.

Por que reclama então diante do que vê? Não gostou do novo eu? Ou melhor, do novo você?" Dito isso, João começou a se perguntar sobre o que buscava de fato. O que lhe faltava antes...

Longas noites em claro se passaram para João desde aquele dia. Precisava entender o que havia de errado. Começou a observar muito mais as pessoas à sua volta, tentando entender como o viam e qual seria a melhor forma de agir. Às vezes até perguntava a alguns que considerava mais chegados sobre o que achavam dele. Mas é claro, não eram verdadeiros como ele seria e as respostas se contradiziam com os olhares e as atitudes dessas pessoas em relação a ele. Talvez nem elas soubessem, porque o que pensavam e o que comentavam uns com os outros eram coisas bem diferentes.

No fundo tinham inveja da coragem, da determinação, da forma leve como aquele homem honesto levava a vida.

Desejavam os resultados, parecia valer à pena os sacrifícios para alcançar tudo aquilo, mas não se achavam capazes de fazer um terço do que João fazia. Na verdade, ele era como um espelho que refletia o melhor e o pior delas. O pior, quando as atitudes honestas dele traziam uma espécie de exame de consciência sobre os erros que cometiam e ao mesmo tempo mostravam que era possível ser melhor.

João não estava ciente de nada disso e enquanto levava as pancadas da covardia alheia, o tempo passava e ele ficava ainda mais confuso. Estava convencido de que era um cara esquisito e de que precisava mudar. Não se olhava mais no espelho.

Detestava a própria imagem e todos os conflitos que ela representava. A nova atitude radical seria terminar o namoro. A namorada era boa demais pra ele e não merecia alguém assim. Hora ou outra perceberia isso e o sofrimento seria maior.

Passou a noite aos prantos mensurando a dor que aquele rompimento lhe traria... Os planos de casar, ter filhos, envelhecer juntos, encher os pais de netos como eles sonhavam. Tudo por água abaixo. Mas estava decidido. Era o melhor a fazer.

Era Rebeca o nome da moça, nascida numa família totalmente desestruturada em meio a violências, vícios e descaso, cresceu com resiliência, decidida a não seguir o exemplo dos pais. Ao conhecer João

cera como se a vida lhe desse a chance de escrever uma nova história. O achava a pessoa mais pura do mundo e sonhava formar com ele a família que não teve. Se espelhava literalmente no exemplo dele e havia aprendido bastante. Surpreendeu-se com a voz trêmula do namorado ao telefone chamando para conversar. Estava preocupada porque nunca o tinha ouvido falar assim.

Chegado o momento, João recebeu na própria casa a moça com quem dividira mais de três anos de relacionamento. Estava trêmulo, visivelmente abalado e suava frio. Não tinha ideia de como começar a conversa, nem se sobreviveria ao vazio que ficaria depois.

Rebeca o abraçou com ternura, preocupada com seu estado. Ficaram ali por alguns minutos abraçados em silêncio. Quando os olhares se entrecruzaram, ele caiu num pranto inconsolável diante de tanta ternura e cuidado que recebia, como se estivesse a libertar-se de um feitiço. Rebeca o amava, mas o amava por quê?

A pergunta deu sequência a tantas outras que o mundo parecia girar descontrolado. Foi aí que o rapaz honesto correu para o banheiro sem olhar para trás, pôs-se diante do espelho, que continuava a desafiá-lo, olhou bem fundo nos olhos daquele ser desconhecido. Não se orgulhava da nova imagem, nem precisava. "Não me

vejo porque não desejo" - falou com firmeza. E o espelho quebrou-se em incontáveis pedaços.

João se libertava da mentira e enxergava que, na realidade não precisava igualar-se aos outros para ser aceito, que bom mesmo é ter amigos de verdade, ainda que não sejam muitos, e que aqueles que o conheciam de verdade o amavam da maneira como ele era e isso bastava. Libertado da ilusão, João compreendeu que se abirmos bem os olhos diante do espelho, não somos perfeitos nem precisamos ser. Mas o olhar é nosso. É nosso direito escolher o que iremos ver e se precisamos mudar.

Oliveira (2022).



Objetivos



Refletir sobre a autoaceitação como promoção do empoderamento;



Refletir sobre o respeito à diversidade;



Oportunizar o compartilhamento de possíveis angústias vivenciadas pelos jovens na escola e na sociedade.

Atividades



Exposição oral, sintetizando os objetivos da oficina;



Contação da história;



Dinâmica do espelho;



Roda de conversa;

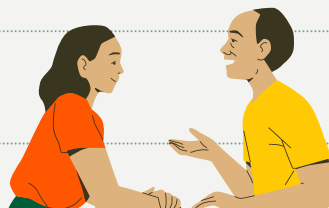


Audição de música.

AVALIAÇÃO: Momento de reflexão

- 1** Debater sobre diversidade na escola pode reduzir o preconceito?
- 2** Você acha que a personagem principal da história tinha dificuldade de autoaceitação?
- 3** Qual era a maior razão dos conflitos entre o homem e o espelho?
- 4** Você já viveu situações em que a opinião do outro mudou negativamente a sua visão sobre si mesmo?
- 5** Autodepreciação pode afetar seu desempenho escolar e profissional? De que modo?
- 6** No texto base, a personagem principal enfrenta um conflito existencial ao se preocupar com a opinião de outrem sobre si mesma. E quanto a você, o que causa mais insegurança, sua autopercepção ou a visão dos outros em relação a você?

Vamos pôr em prática, professor(a)?



Apresente-se e exponha os objetivos da oficina. Se a turma não se conhecer, permita que se apresente também.



Faça uma breve explanação sobre o que é e em que consiste a contação de histórias.



Deixe a história acessível apenas oralmente.



Estude a história com antecedência, para memorizar ou contar à sua maneira. Em último caso, faça uma boa leitura interpretativa.



Ao término da história, retome um pequeno trecho ou o refrão da música apresentada no início, quando houver.



Crie um clima amistoso e de encantamento, introduzindo a história com uma música, mesmo que seja só instrumental.



Abra a roda de conversa perguntando o que acharam da história: sobre o que trata, que sensações ou reflexões suscita... Dê sequência a ela com as perguntas sugeridas no quadro referentes à avaliação ou elabore outras de acordo com as respostas que sugerirem.



Ao término da dinâmica, permita que os participantes compartilhem as sensações e descobertas vivenciadas na atividade. Em seguida apresente o conceito de empoderamento e autoaceitação, os objetivos da oficina e a música sugerida.



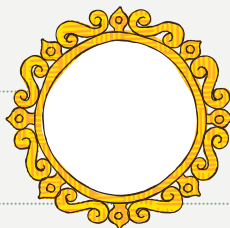
■ A maioria das pessoas costuma sentir falta do texto impresso para acompanhar a leitura e pode cobrar o mesmo do oficinairo. O problema é que esse tipo de texto não se adequa ao momento da contação de histórias por afetar a troca de olhares e a visualização dos gestos que estão entre os principais instrumentos dessa arte. Em contação de histórias, o texto, para os alunos, (físico/escrito) se mostra dispensável, para algumas experiências narrativas, não acarretando déficit de aprendizado dos sujeitos envolvidos.

■ Ao contar a história, o contador apropria-se dela e ganha liberdade para incluir ou suprimir algumas partes, desenvolve melhor a imaginação, gesticula, interage com o olhar... quando ela é lida esses recursos tornam-se mais limitados.

■ Contadores mais tradicionais costumam usar as velhas cantigas da tradição oral. Nessas oficinas a sugestão é de músicas mais contemporâneas, embora você, como contador, tenha toda liberdade de escolha. Seja qual for o repertório musical, se tiver desenvoltura com o canto ou algum instrumento o resultado será ainda melhor. Quem sabe a turma até cante junto?

■ É pertinente que as perguntas do mediador sejam flexíveis a ponto de permitir que os participantes manifestem seus próprios interesses temáticos conforme sugestões detalhadas no quadro. Os subtemas sugeridos/discutidos pelos participantes culminarão no tema da oficina: a autonomia.

Dinâmica do espelho: instruções

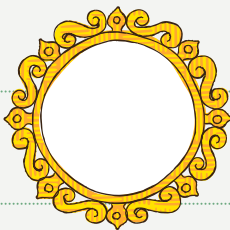


Antes de começar, oicineiro deve perguntar se alguém já conhece a dinâmica do espelho ou se já participou dela. Em caso afirmativo, a pessoa não poderá participar novamente. Para não quebrar o vínculo com o grupo, ela pode ajudar na distribuição do material da dinâmica aos seus colegas, sem revelar seu objetivo. Em seguida, as caixas com o espelho dentro são distribuídas a cada um dos participantes, que são orientados a não as abrir antes do sinal positivo.

Então, o condutor da dinâmica deve pedir que todos se concentrem em suas palavras e, deve dizer a todos que dentro daquela caixa há uma foto de alguém muito importante e especial para aquele grupo de pessoas. Em seguida, o instrutor deve pedir aos participantes, um a um, para se posicionarem em frente à caixa e abri-la, mas sem revelar de quem é a “foto” que está dentro.

O participante é orientado a se olhar no espelho e falar algumas de suas principais qualidades, habilidades, sentimentos e formas de ver o mundo, mas sem revelar que fala de si mesmo. Quanto mais características apresentar, maior é a sua reflexão e prática do autoconhecimento.

Dinâmica do espelho: instruções



Para facilitar a dinâmica, segue abaixo uma lista com sugestões de reflexões que podem ser entregues em forma de bilhete ou colocadas dentro da caixa:

- 1- Uma qualidade sua;
- 2- Uma coisa que mudaria em você;
- 3- Algo que lhe deixa feliz;
- 4- Algo que mais lhe incomoda na sociedade;
- 5- Uma profissão que gostaria de seguir;
- 6- Alguém que mais admira;
- 7- Um objetivo para sua vida;
- 8- Razões que lhe fazem amar a vida.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, G. O homem e o espelho. Arapiraca, 2021.

UCS. Empoderamento: significado, benefícios e surgimento.
EAD/UCS. Caxias do Sul, RS, 2020. Disponível em
<<https://ead.ucs.br/blog/empoderamento>> Acesso em: 01/12/2021.

OFICINA 4

TÍTULO: MAIS VALE UM PÁSSARO NA MÃO QUE DOIS NA CONTRAMÃO

TEXTO BASE: Mais vale um pássaro na mão que dois na contramão

PÚBLICO:
Estudantes do Ensino Médio Integrado

RECURSOS: instrumento musical (opcional), caneta, hidrocor, cartolina, cola, recortes coloridos de papel e/ou tintas guache de cores diversas.

TEMPO ESTIMADO:
1h50.

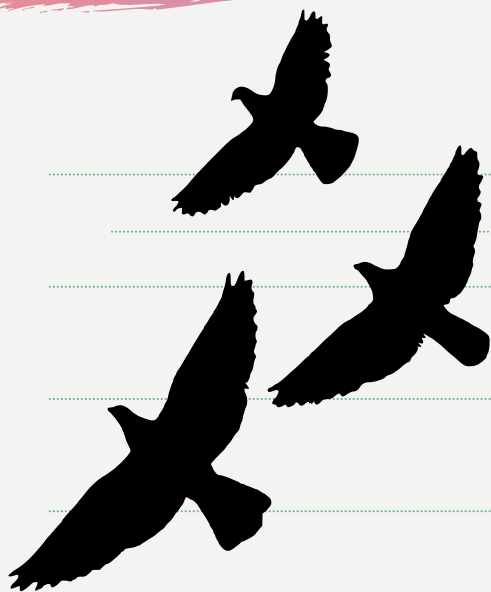
CAMPOS TEMÁTICOS:

- Protagonismo juvenil
- Ética
- Responsabilidade

"O protagonismo juvenil parte do pressuposto de que o que os adolescente pensam, dizem e fazem pode transcender os limites do seu entorno pessoal e familiar e influir no curso dos acontecimentos da vida comunitária e social mais ampla. Em outras palavras, o protagonismo juvenil é uma forma de reconhecer que a participação dos adolescentes pode gerar mudanças decisivas na realidade social, ambiental, cultural e política onde estão inseridos. Nesse sentido, participar para o adolescente é envolver-se em processos de discussão, decisão, desenho e execução de ações, visando, através do seu envolvimento na solução de problemas reais, desenvolver o seu potencial criativo e a sua força transformadora."

Costa (1996)

Mais vale um pássaro na mão que dois na contramão



Pousados em um coqueiro, perto da praia, havia três pássaros observando, curiosos, a agitação dos turistas que aproveitavam o feriado. A areia, colorida de cadeiras e guarda-sóis, mais parecia uma pintura de Romero Brito. Na água, crianças e adultos se divertiam e se refrescavam ao sol do meio dia. Entediados e sonolentos, diante da brisa leve que aquele abrigo natural proporcionava, o beija-flor, o bem-te-vi e o pardal resolveram investir em uma brincadeira, algo que os inserisse naquele cenário cheio de cor e alegria, embora suas condições fisiológicas não permitissem o tão sonhado banho de mar. Pensaram por alguns minutos, sem sucesso. Parecia que o vento que balançava as palhas do coqueiro embaralhava as ideias das pequenas aves.

De repente, o beija-flor propôs um desafio: "Qual entre nós três é capaz de chamar atenção do maior número

de pessoas, mesmo neste lugar repleto de distrações?" Sem regras a seguir e alheios às estratégias uns dos outros, todos aceitaram a proposta e iniciaram seus planos de ação. Na verdade, só dois deles, com tom arrogante e vaidoso, diziam-se preparados. O humilde pardal nem sabia por onde começar, mas fingia estar seguro pra não estragar a brincadeira. Precisavam agir um a um para que os demais pudessem registrar as reações de todos os envolvidos e definir o vencedor. O pardal voluntariou-se a ser o último, mesmo porque nem ideia tinha do que fazer. Os outros dois disputaram no par ou ímpar quem começaria. Difícil foi contar e recontar as penas para ter certeza do resultado.

O bem-te-vi foi o primeiro. Ali mesmo onde estava, escolheu uma lagarta bem graúda e, enquanto os amigos achavam que ele estaria perdendo tempo numa refeição, alçou voo o mais alto que pôde e lá de cima avistou o espaço escolhido. Era uma mesa enorme com um numeroso grupo de jovens que celebrava o ingresso à faculdade. Enquanto riam entusiasmados e compartilhavam planos para o novo ciclo que iniciariam em suas vidas, o bem-te-vi deixou cair, propositalmente, em uma tigela, a pesada lagarta que espalhou

por todos os lados um molho quente e vermelho, causando dor e revolta nos que estavam por perto. As leves queimaduras não foram nada diante da perplexidade dos espectadores que avistaram, repletos do líquidotronco e membros de cada um presente naquela mesa, que enganosamente parecia sangue. Pessoas corriam para longe a fim evitar os riscos daquele "massacre" ou porque viam as outras correrem. As vítimas socorriam umas às outras enquanto olhavam para o alto tentando entender como um simples pássaro teria causado tanta confusão. Tristes, assustados e com raiva, os jovens foram embora deixando a alegria da comemoração em segundo plano e borrando, com molho de beterraba e pequenas cicatrizes, as felizes lembranças daquele dia especial. Sem remorsos, o bem-te-vi comemorava o feito, certo de que ninguém o superaria em criatividade, astúcia e inteligência.

O beija-flor, o mais vaidoso, com receio de não ser o melhor diante da confusão armada pelo colega, tratou de repensar as táticas e partir para o ataque. Cheio de sagacidade, o veloz animalzinho sobrevoou os arredores da praia quase que invisivelmente, calculou a rota, o público e os riscos da exposição à qual se submeteria. Estava decidido: não perderia para ninguém aquela disputa. Escolheu a criança mais linda, mais fofa, mais

sorridente que encontrou: uma menina de uns quatro anos de idade, de pele negra e volumosos cachinhos presos por um laço azul. Sem perder a velocidade, o pássaro emaranhou-se nos cabelos dela, indo e voltando sem parar. O movimento das asas produzia um barulho tão estranho que aterrorizou a criança fazendo-a gritar desesperadamente sem enxergar o que de fato a atacava. Antes de partir, o beija-flor ainda insatisfeito cravou o bico na boia onde a menina brincava, lançando-a de rostinho no mar.

Àquela altura, uma grande multidão se aproximava, atraída pelos gritos da criança, pois acreditavam que ela estava se afogando. Um grupo de salva-vidas foi o primeiro a chegar e em seguida os jovens envolvidos na confusão inicial, que retornaram do meio do caminho curiosos com o acontecido. A notícia se espalhou como se espalham as notícias passadas oralmente. Cada um conhecia uma versão da história, que quase sempre culminava na morte da criança. Naquele momento até a imprensa se aproximava do local, organizando a possível manchete de tragédia no feriado. A versão verdadeira só os que se aglomeraram bem perto é que conheciam.

Chegados os profissionais de rádio, tv e internet, com suas parafernálias bem posicionados além dos celulares

dos banhistas registrando tudo, a satisfação do beija-flor estava completa e ao seu lado a perplexidade do pardal. Não acreditava que uma brincadeira pudesse culminar em tamanha maldade.

Não queria mais saber daquela estupidez, queria não estar ali e não ter participado, mesmo inocentemente, de tudo aquilo.

Para os companheiros, só importava concluir a disputa. "Vamos, vamos, é sua vez!" Gritaram entusiasmados para o pardal que, sequer, respondeu.

Apenas saiu aflito até o local da confusão, para saber direito o estado da menina. A coitadinha ainda chorava e tossia, pois havia engolido bastante água. Por um longo tempo, familiares e socorristas tentaram conversar com ela para distrair, acalmar, entender o que havia ocorrido. A criança, traumatizada, nada dizia. Apenas olhava o céu com mãos trêmulas, olhinhos arregalados e a respiração ofegante.

Vendo a cena, o pardal sentia vontade de aninhar a menina entre as asas e confortá-la, mas era pequeno demais. Queria trazer para ela uma estrela do mar, mas era fraquinho demais. Então voou até um jardim e tentou colher uma rosa. Era pesada, com aquele galho cheio de espinhos, nem pôde levantar voo. Tinha que fazer alguma coisa, mas o quê? Enquanto pensava, uma dessas ventanias que, vez outra, surgem na praia, atirou sobre o frágil pássaro um saco plástico que, embora fosse fino e leve, quase o aprisionou como uma rede

de pesca. Foi aí que ele teve uma ideia: despetalou aquela rosa e outras mais que avistou, encheu a sacolinha e, com sacrifício, carregou pelo céu ao encontro da criança, que ainda chorava. Ali do alto, soltou uma das alças da sacola e dela caiu uma linda chuva de pétalas coloridas sobre a menina, que sorriu de imediato, esticou os bracinhos na tentativa de alcançar o pássaro dando pequenos saltos diante do olhar encantado da multidão e das lentes das câmeras que ainda registravam a cena.

Cantando e rodopiando, o pardal pousou nas mãozinhas da menina que o segurou com delicadeza, dando-lhe um beijinho na cabeça.

O ocorrido espalhou-se pelas redes sociais, emissoras de rádio e TV; a praia ganhou uma escultura permanente daquele singelo gesto de carinho e um novo nome: Praia do Pardal. A imagem do pequeno herói estampou por muito tempo outdoors, fachadas de estabelecimentos e produtos de todos os tipos, e a menina tornou-se a criança mais feliz que se viu por ali. A amizade dos dois durou por toda a vida, pois, mesmo livre, o pardal sempre visitava a pequena. Ah, os dois outros pássaros, que gostavam de brincar na contramão dos bons princípios, perderam. Não perderam apenas a competição, mas as chances de serem valorizados pelas habilidades

que tinham, de provar a sensação de ajudar alguém e de viver uma amizade saudável e verdadeira. Ao fim de tudo, os amigos aprenderam uma lição: mais vale um pássaro na mão, que dois na contramão.

Oliveira (2022).



Objetivos



Conscientizar os jovens para a importância de suas ações e reflexões no trabalho, na família e na sociedade;



Despertar o engajamento dos jovens para atividades que promovam transformação na escola e na sociedade;



Refletir sobre a relação entre o conceito de educação integral e o protagonismo juvenil.

Atividades



Contação da história;



Roda de conversa;



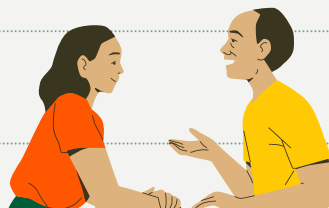
Produção de cartazes.

AVALIAÇÃO:

Momento de reflexão

- 1** Em algum momento da sua vida, você se percebeu envolvido direta ou indiretamente em situações ou brincadeiras que prejudicaram alguém?
- 2** Há situações em que a sua liberdade pode afetar a liberdade do outro?
- 3** As atividades promovidas pelos IFs a exemplo dos projetos de extensão oportunizam o protagonismo juvenil?
- 4** No texto, o pardal buscou soluções para problemas causados por terceiros. Você agiria como ele, mesmo não sendo afetado pela situação? Você levaria essa reflexão para o ambiente profissional?
- 5** No texto base, as brincadeiras mal intencionadas do bem-te-vi e do beija-flor não viralizaram na internet ou em outro meio de comunicação, ao contrário da boa ação do pardal. Na vida real, é assim que acontece?
- 6** Fake News e trolagem, temas que ganharam tanto espaço nas redes sociais, podem ser considerados como brincadeiras?
- 7** Durante a Pandemia da Covid 19, algo mudou no seu conceito de responsabilidade social. Por exemplo, é possível a ação de um indivíduo interferir positiva ou negativamente na vida de uma comunidade?

Vamos pôr em prática, professor(a)?



1 Apresente-se e exponha os objetivos da oficina. Quando a turma não se conhecer, permita que se apresente também.



2 Faça uma breve explanação sobre o que é e em que consiste a contação de histórias.



3 Deixe a história acessível apenas oralmente.



4 Estude a história com antecedência, para memorizar ou contar à sua maneira. Em último caso, faça uma boa leitura interpretativa.



5 Crie um clima amistoso e de encantamento, introduzindo a história com uma música, mesmo que seja só instrumental.



6 Ao término da história, retome um pequeno trecho ou o refrão da música apresentada no início, quando houver.



7 Abra a roda de conversa perguntando o que acharam da história: Sobre o que trata, que sensações ou reflexões suscita... Dê sequência a ela com as perguntas sugeridas no quadro referente à avaliação ou elabore outras de acordo com as respostas que surgirem.



8 Falar brevemente sobre os conceitos de protagonismo juvenil, ética e responsabilidade, finalizando com a produção de cartazes (instruções na página seguinte).



**DEIXA EU
TE CONTAR!**

■ A maioria das pessoas costuma sentir falta do texto impresso para acompanhar a leitura e pode cobrar o mesmo do oficinheiro. O problema é que esse tipo de texto não se adequa ao momento da contação de histórias por afetar a troca de olhares e a visualização dos gestos que estão entre os principais instrumentos dessa arte. Em contação de histórias, o texto, para os alunos, (físico/escrito) se mostra dispensável, para algumas experiências narrativas, não acarretando déficit de aprendizado dos sujeitos envolvidos.

■ Ao contar a história, o contador apropria-se dela e ganha liberdade para incluir ou suprimir algumas partes, desenvolve melhor a imaginação, gesticula, interage com o olhar... quando ela é lida esses recursos tornam-se mais limitados.

■ Contadores mais tradicionais costumam usar as velhas cantigas da tradição oral. Nessas oficinas a sugestão é de músicas mais contemporâneas, embora você, como contador, tenha toda liberdade de escolha. Seja qual for o repertório musical, se tiver desenvoltura com o canto ou algum instrumento o resultado será ainda melhor. Quem sabe a turma até cante junto?

■ É pertinente que as perguntas do mediador sejam flexíveis a ponto de permitir que os participantes manifestem seus próprios interesses temáticos conforme sugestões detalhadas no quadro. Os subtemas sugeridos/discutidos pelos participantes culminarão no tema da oficina.

Instruções para a produção de cartazes



Propor que os participantes que se unam em grupo de no mínimo três e discutam entre si uma causa que julguem importante defender no ambiente educacional e/ou na sociedade. Após a discussão cada grupo produzirá um cartaz abordando o tema escolhido de modo a conscientizar, protestar, apontar soluções. Os cartazes serão afixados no espaço onde ocorrer a oficina ou em um local de grande circulação. Vale colagem, letra de música, desenho, pintura... só não vale abrir mão do respeito ao próximo, o uso da criatividade e da liberdade de expressão.





Professor(a)...

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar.

Freire (1998)

REFERÊNCIAS

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática. Salvador, Fundação Odebrecht, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1998.

OLIVEIRA, Gicele. Mais vale um pássaro na mão do que dois na contramão. Arapiraca, 2022.